

# ANÁLISE DOS DIMINUTIVOS NO FILME DE ANIMAÇÃO ‘BRICHOS, A FLORESTA É NOSSA’

CARLA VALERIA DE SOUZA FARIA

UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI TRIESTE

**Abstract** – This paper aims to analyse the diminutives present in the speeches of the characters of the Brazilian animated film *Brichos, a floresta é nossa*, in the light of the proposal of Alves (2006) who argues for the existence of three different diminutive morphemes as to the category of intensification: *-inho<sub>1</sub>* ("inherent property", semantic value), *-inho<sub>2</sub>* (attributed property "speaker's evaluation/judgement towards the entity", pragmatic value) and *-inho<sub>3</sub>* (attributed property "speaker's evaluation/judgement towards the communicative situation and the listener", pragmatic value). This is a topic that arouses interest not only in relation to the behaviour of the *X-inho/X-zinho* formations in the mother tongue, but also in their understanding for the teaching of Portuguese as a foreign language (PFL) and for the teaching of translation, since it implies the acquisition of "a diversified repertoire" by the learners for "the comprehension of the communicative intentions" of the speaker (Freitag et al. 2020, p. 44) when using these formations that can convey not only a dimensional meaning, i.e., semantic, but also pragmatic. More than an analysis of the diminutive formation, the main interest of this paper lies in understanding its uses in order to provide clues for PFL learners to interpret and use these values appropriately in everyday language and/or in their subsequent translation into Italian or other foreign languages.

**Keywords:** Morphology; Suffixation; Diminutive; Teaching Portuguese as a Foreign Language; Translation

## 1. Introdução

No estudo dos processos de formação de palavras no português, mais especificamente da derivação por sufixação, a análise e a compreensão dos usos dos sufixos diminutivos despertam a atenção de muitos especialistas. Dentre os principais sufixos formadores de diminutivos, Maroneze *et al.* (2015, p. 79) citam para o português brasileiro (PB): *-inho (-zinho)*, *-ito*, *-io*, *-isco*, *-ta*, *-ota*, *-ucho*, dentre outros.

Sendo os sufixos *-inho* e *-zinho* considerados os mais produtivos na expressão do diminutivo em PB, vários estudos foram realizados na tentativa de descrever e/ou explicar o comportamento linguístico dos mesmos quer do ponto de vista fonológico (Bisol 2010, 2011) quer morfossintático (Armelin 2011) ou funcional (Alves 2006), só para citar

alguns estudiosos. Outros se ocuparam da análise das estratégias utilizadas na tradução dos diminutivos no âmbito da tradução literária em pares linguísticos como português>alemão/inglês (Prade 1991) e português>francês (Turunen 2006); da tradução de histórias em quadrinhos na combinação francês>português (Basso e Petry 2013) e da tradução fílmica (legendagem) na combinação português>inglês (Wang 2020).

Dada a sua função não somente denotativa, isto é, a de indicar a “diminuição concreta de tamanho” de um referente (Basílio 2006, p. 70), os sufixos *-inho* e *-zinho* podem-se adjungir não só à classe dos substantivos (*casinha/pezinho*) mas também a diferentes categorias lexicais: a adjetivos (*bonitinha/bonzinho*), verbos (em sua forma gerundiva, *correndinho*, ou participial, *ganhadinho*, *gastadinho*)<sup>1</sup>, advérbios (*pertinho/devargarzinho~devagarinho*), pronomes (*euzinha*, *elezinho*)<sup>2</sup>, numerais (*unzinho*, *duazinhas*), e também a interjeições ou ao que Alves (2006, p. 697) denomina “fórmula fixa de valor interpessoal” (*tchauzinho*, *oizinho*, *até loguinho*) mas não à classe de artigos, como apontam Freitas e Barbosa (2013, p. 577). Então, para a compreensão da acepção do diminutivo, é importante levar sempre em consideração a base da palavra e os elementos co(n)textuais, pois uma mesma palavra poderá não manter o mesmo sentido em contextos diferentes (Pereira 2020, p. 33) ou poderá veicular informações semântico-pragmáticas diferentes num mesmo contexto.

Em relação ao seu estatuto morfológico, a discussão gira em torno de algumas perguntas: trata-se de um único morfema diminutivo ou são dois morfemas distintos ou dois alomorfes? A seleção entre um e outro depende unicamente de motivações estruturais ou fatores sociais que podem influenciar a escolha do falante (Freitas e Barbosa 2013)? Ou seriam, como indaga Basílio (2004, p. 71), complementares, “já que *-zinho* é utilizado em ambientes fonológicos em que *-inho* não é usado”? A própria autora aponta que essa não é uma restrição absoluta quando se olha para variações regionais (*mainha*, *painho*) ou outras palavras como, por exemplo, *colher* (*colherinha/colherzinha*), e para a manutenção da flexão de gênero e número da base quando se acrescenta *-zinho* a esta (*lençolzinho/lençoizinhos*).

Neste trabalho, adotaremos o termo ‘sufixo’, por questões de simplificação, e as formações *X-inho* e *X-zinho* para referir o diminutivo. Não entraremos na questão se o processo de formação dos diminutivos é

<sup>1</sup> Estas últimas duas formas encontram-se em Cunha e Cintra (1985, p. 92) como exemplos de formações populares: “Esse dinheiro foi bem *ganhadinho* e bem *gastadinho* por mim”.

<sup>2</sup> Para Rio-Torto (2016, p. 359), os derivados de base pronominal ‘*elezinho*’, ‘*essezinho*’, ‘*aquelezinha*’ estão presentes no PB, mas não no PE, e os derivados de base gerundiva registrados no PB não são formas comuns no PE, segundo suas observações sobre os dados disponíveis.

flexão ou derivação e nem se pertence à derivação ou à composição, ou ainda se está 'na orla da composição', como refere Rio-Torto (2016: 27) em relação ao que denomina z-avaliativos.

O texto se organiza da seguinte forma: na seção 2, apresenta-se uma breve revisão da literatura sobre o diminutivo, passando pela tradição gramatical (subseção 2.1) e por alguns estudos linguísticos (subseção 2.2) e de tradução (subseção 2.3). Na seção 3, propõe-se a descrição e análise dos diminutivos presentes no filme de animação *Brichos: a floresta é nossa!* com base na proposta de Alves (2006), exemplificando as diferentes classificações do sufixo *-inho*: *inho<sub>1</sub>* (subseção 3.1), *inho<sub>2</sub>* (subseção 3.2), *inho<sub>3</sub>* (subseção 3.3), e alguns casos de mudança na classificação (subseção 3.4). Por fim, na seção 4, as considerações finais.

## 2. Diminutivo: da tradição gramatical aos estudos linguísticos e de tradução

### 2.1. O tratamento do diminutivo nas gramáticas tradicionais e normativas

Na revisão da literatura sobre o diminutivo em gramáticas dos séculos XVI e XIX, Freitas e Barbosa (2013, pp. 578-580) apresentam aspectos interessantes de algumas delas. Na gramática de Fernão de Oliveira (1536, p. 61), “[...] é regra geral que [...] os diminutivos acabem em inho ou inha como mocinho, mocinha”; na de João de Barros (1540, p. 304), encontra-se uma definição de diminutivo relacionada à noção de pequenez seguida de exemplos, mas não uma referência direta às formas *-inho* e *-zinho*. Na citação mencionada pelas autoras, é interessante notar a referência, feita pelo gramático, à atitude dos falantes: “E outros muitos que se formam e acabam em diferentes terminações, *mais por vontade do povo*, que por regra de boa Gramática.” [grifo nosso]. Na gramática de Jeronimo Soares Barbosa (1822, pp. 120-121), as autoras relatam que este menciona os diminutivos *-inho* e *-zinho* e a inserção do /z/ eufônico para evitar o hiato, mas um aspecto interessante nessa gramática é a atribuição a *-zinho(a)* de “um grau menor dimensional sutilmente menor que *-inho(a)*”. Para o gramático, na derivação “Mulherão, Mulherona, Mulherinha, Mulherzinha” (p. 121), há uma gradação em que *-zinho* representa o extremo da pequenez. Francisco José Freire (1842), em sua gramática, não menciona a inserção de /z/ para se evitar o hiato, mas fala de *-inho* e *-zinho* e da sua alternância em certas palavras como *peixinho/peixezinho*.

Passando para o século XX, as autoras citam Skorge (1957, p. 52) que aponta *-inho* e *-ito* como os sufixos mais utilizados em português

européu e afirma que o povo prefere usar *-inho* enquanto os portugueses mais cultos *-zinho*.<sup>3</sup> Segundo a autora, “somente os substantivos monossílabos aceitam *-zinho*”. Considera o segmento /-z/ um infixo e que a variação entre *-inho* e *-zinho* depende da ‘vontade do falante’.

Se olharmos para algumas gramáticas de referência do século XX no Brasil, veremos que Rocha Lima (1972, pp. 86-87) trata o diminutivo e o aumentativo como “graus do substantivo”. No capítulo dedicado a essa classe de palavra, aponta dois tipos de gradação: a *gradação dimensiva*, própria dos substantivos, que no caso do diminutivo indica “a diminuição de um ser” em relação ao seu tamanho natural; e a *gradação intensiva*, própria dos adjetivos, que indica “a intensidade [...] menor de uma qualidade”. Em relação à sua constituição, o diminutivo pode ser construído de forma analítica (“com o adjetivo *pequeno*, ou outro de sentido equivalente”), processo de adjetivação, ou de forma sintética com os sufixos, processo de derivação. Assinala que *-inho* e *-zinho* são os sufixos mais utilizados, e que *-zinho* é obrigatório com substantivos terminados em vogal tônica ou ditongo. Além disso, como os diminutivos “encerram ideia de carinho”, são adjungidos também a adjetivos. Excepcionalmente, segundo o autor, o grau pode aparecer também “nos pronomes, verbos e advérbios; exemplos: *Elezinho* é um encanto! – Nê está *domindinho*. – Irei *agorinha* mesmo” (p. 86).

Cunha e Cintra (1985) abordam inicialmente o diminutivo no capítulo dedicado exclusivamente à formação de palavras (derivação e composição) na seção dos sufixos nominais, afirmando que o seu “valor é mais afetivo do que lógico” (p. 88). Apontam “a enorme vitalidade na língua” do “sufixo *-inho (-zinho)*”, que pode ser adjungido “não só a substantivos e adjetivos, mas também a advérbios e outras palavras invariáveis: *agorinha*, *devagarinho*, *sozinho*, *adeusinho!*” (p. 91). Em relação ao emprego de *-inho* ou *-zinho*, assinalam que *-inho* é a forma naturalmente exigida pelas palavras que terminam em *-s* e *-z*, e que não é fácil determinar as motivações para a escolha de uma forma ou outra, embora indiquem a preferência pelo uso de *-zinho* na linguagem culta (*baldezinho*, *xicarazinha*) e de *-inho* na linguagem popular (*baldinho*, *xicrinha*) (p. 91). Essa observação em relação à atitude do falante parece ter a sua origem no trabalho de Skorge, citado em nota na obra dos referidos autores.

No capítulo dedicado ao substantivo, discorrem sobre o grau (aumentativo e diminutivo), os processos de gradação (sintético e

<sup>3</sup> Villava (2009, nota n. 5), em estudo experimental sobre a formação do diminutivo em contexto sintático neutro com estudantes universitários portugueses, aponta que os dados obtidos em sua pesquisa não confirmam as afirmações de Skorge, que teriam como base “intuição de gabinete”.

analítico) e o valor das formas diminutivas que nem sempre indicam “a diminuição do tamanho de um ser” (p. 192), mas que o falante ou o escritor põem a “linguagem afetiva” (Skorge 1958) em primeiro plano.<sup>4</sup>

Em Bechara (2009), o diminutivo é tratado seja na seção relativa ao substantivo seja na dedicada à formação de palavras. O gramático discorre sobre a significação diminuída dos substantivos, na forma sintética, por meio de sufixos derivacionais (*homem ~ homenzinho*), e na forma analítica com a posposição ao nome de palavra que indique diminuição (*homem pequeno*) (p. 140). Trata também dos diminutivos afetivos (p. 141) e aponta a confusão da NGB de flexão com derivação ao estabelecer dois graus de significação do substantivo.

Para Bechara (2009, p. 357), os sufixos revestem-se de muitas acepções, e, fazendo referência ao trabalho de Rio-Torto em nota, afirma: “Ao lado dos valores sistêmicos associam-se aos sufixos valores ilocutórios intimamente ligados aos valores semânticos das bases a que se agregam, dos quais não se dissociam”.

Isto significa que o falante (de língua materna ou não) precisa ter um conhecimento amplo da língua para poder não só fazer um uso adequado dos sufixos nas variadas situações comunicativas mas também saber interpretá-los adequadamente.

## **2.2. Alguns trabalhos em linguística**

A tradição gramatical denomina diminutivo o processo de formação de palavras pelo acréscimo dos sufixos diminutivos cuja função é indicar tamanho pequeno. Entretanto, como se pôde ver na subseção 2.1., já se percebia que a sua função não era somente essa e que a atitude do falante exerce um papel preponderante nas escolhas. Serão, porém, os estudos linguísticos a tentar descrever, quantificar e explicar usos e funções.

Bisol (2011), numa perspectiva fonológica e com base na Teoria da Otimidade, desenvolve a hipótese de que *-inho* é o único morfema diminutivo e o ‘z’ em *-zinho* nada mais é do que uma consoante epentética inserida na palavra por questões estruturais.

Armelin (2011), por sua vez, propõe uma análise na interface morfologia/sintaxe da formação de diminutivos e aumentativos no PB, utilizando os pressupostos teóricos da Morfologia Distribuída (Halle e Marantz 1993) e duas propostas sintáticas pensadas especificamente para o estudo dos diminutivos: a de Wiltschko e Steriopolo (2007) e a de De Belder, Faust e Lampitelli (2009). A primeira aponta duas dimensões na

<sup>4</sup> Em relação à flexão de grau, os autores esclarecem que esta só é pertinente à classe dos adjetivos, mas admitem utilizá-la também para os substantivos, seguindo a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) e a Nomenclatura Gramatical Portuguesa (NGP) (p. 193).

sintaxe do diminutivo: a) como se dá a afixação do diminutivo, se como núcleo ou como modificador, e b) “onde o diminutivo se afixa: acima ou abaixo do ‘nível da palavra’” (p. 230); a segunda aponta duas posições sintáticas diferentes para a ocorrência do diminutivo: SizeP e LexP, onde SizeP é parte do domínio funcional e caracteriza-se pela composicionalidade, enquanto LexP concatena-se diretamente à raiz e está sujeita a sentidos não-composicionais.

Em relação à interpretação resultante da afixação dos morfemas diminutivos, Armelin chama atenção para “a composicionalidade ou não-composicionalidade da palavra formada”. Os diminutivos composicionais “mantêm uma forte relação semântica com a base” enquanto os não-composicionais “criam novos universos de interpretação se desvinculando consideravelmente do elemento que lhe serviu como base” (p. 233). Um exemplo é a derivação *sapo*>*sapinho* em que *sapinho* pode ter como interpretação ‘sapo de tamanho pequeno’ (sentido composicional gerado em SizeP) ou ‘doença bucal’ (sentido não-composicional gerado em LexP).

Levanta ainda dois pontos interessantes em relação à marcação do diminutivo e do aumentativo: a possibilidade de uma mesma palavra acumular duas marcas (*-inho/-zinho*: *carrinhozinho* e *-ão/-zão*: *cachorrãozão*) e a interação entre sufixos diminutivos e aumentativos em uma única palavra (*bobãozinho*). Nota-se que em PB há uma ordem a ser respeitada: quando do acúmulo, *-zinho* e *-zão* ocuparão sempre a segunda posição na derivação; quando da interação, primeiro virá o aumentativo e depois o diminutivo (*bobo*>*bobão*>*bobãozinho*). A inversão dessa formação resulta em agramaticalidade. Isso demonstra, segundo a autora, que essas marcas não podem ser tratadas como adjuntos, pois ocupam posições diferentes e nucleares.

Por outro lado, Freitas e Barbosa (2013), no quadro da Sociolinguística Variacionista, investigam a alternância *-inho/-zinho* na formação do diminutivo com o objetivo de verificar se há “um único sufixo diminutivo ou se trata de dois processos distintos” (p. 577). Segundo as autoras, há evidências para que se admita a existência de dois morfemas distintos no PB.

Alves (2006), por sua vez, em seu estudo sobre o diminutivo em *-inho*, dentro da perspectiva funcionalista, mais especificamente no quadro teórico da Gramática Funcional do Discurso, chega à conclusão de que em português há “três diferentes morfemas da categoria de intensificação”, identificados como *-inho<sub>1</sub>*, *-inho<sub>2</sub>*, *-inho<sub>3</sub>*, com diferentes “valores semânticos, pragmáticos e ilocucionários” entre si, afirmando que “fatores conceituais e estratégias comunicativas também podem ser codificadas na unidade lingüística ‘palavra’, por meio de recursos morfológicos” (p. 694).

Para chegar a essa proposta, analisa sete grupos de palavras no diminutivo, retiradas do Banco do Português (Sardinha 2005)<sup>5</sup>. São elas: “(1) filho de peixe peixinho é; (2) casa – casinha; (3) nova – novinha; (4) sobressalto – sobressaltozinho / couve-flor - ?couve-florzinha, pé-de-moleque - ??pé-de-molequinho; (5) Joãozinho, meu benzinho; (6) um - unzinho, tudo - tudinho, cedo - cedinho; (7) tschauzinho [*sic*], obrigadinha, um minutinho” (p. 697).

Olhando primeiro para a classe de palavras da base, observa que há um grupo de palavras (N, Adj) que aceita um modificador adjetival e pode, portanto, participar da alternância ‘formação analítica/sintética’, e que o morfema *-inho* só pode ser adjungido a palavras; formas compostas e grupos sintáticos apresentam restrições quando não lexicalizados. Além disso, afirma que noções semânticas como “tamanho/quantidade/intensidade reduzidas” são mais objetivas quando “propriedades inerentes a objetos e qualidades” e mais subjetivas quando atribuídas pelo falante, isto é, quando “se referem a como objetos e qualidades são vistos e avaliados” por este (p. 698). Esta subjetividade pode ser influenciada não só por valores sociais mas também pela cultura, podendo ter uma entonação marcada ou um acento específico que põe a unidade lexical em relevo.

A autora propõem, então, dois agrupamentos para análise do sufixo *-inho*: o primeiro, que separa a expressão representacional (o valor semântico inerente do sufixo *-inho*<sub>1</sub>) da expressão de ilocução (o valor pragmático atribuído pelos sufixos *-inho*<sub>2</sub> e *-inho*<sub>3</sub>); e o segundo agrupamento, que subdivide a expressão de ilocução, separando a atribuição em relação à entidade (*-inho*<sub>2</sub>) daquela em relação à situação comunicativa e seus participantes (*-inho*<sub>3</sub>), como reproduzido nas tabelas a seguir.

<sup>5</sup> Os exemplos precedidos por ‘?’ são de Alves.

<i>-inho<sub>1</sub></i>	vs.	<i>-inho<sub>2</sub></i> e <i>-inho<sub>3</sub></i>
propriedade inerente		propriedade atribuída
valor semântico: operador de intensificação		valor pragmático: operadores de subjetividade, afetividade, avaliação, mitigação, crítica...
operador no nível da 'palavra' (nível representacional)		operador no nível do ato do discurso (nível interpessoal)
Categoria de base: N, Adj		Sem restrição de categorias de base; enunciados
Função: modificação de núcleos substantivos e adjetivais		Função: estratégias comunicativas, por meio de modificação interpessoal
Entonação neutra		Entonação marcada

Tabela 1

Expressão representacional (*-inho<sub>1</sub>*) e expressão de ilocução (*inho<sub>2</sub>* e *-inho<sub>3</sub>*)  
(Alves 2006, pp. 698-699).

Como se pode observar na Tabela 1, *inho<sub>1</sub>* tem valor semântico como operador de intensificação e marca uma propriedade inerente das categorias de base nome e adjetivo, enquanto *-inho<sub>2</sub>* e *-inho<sub>3</sub>* têm valor pragmático, funcional, configurando uma propriedade atribuída pelo falante à unidade linguística, marcada por entonação, e sem restrição categorial. Os exemplos de (1) a (4), citados anteriormente, estariam na primeira coluna, e os de (5) a (7), na terceira.

Na Tabela 2, a separação se dá em função da avaliação do falante frente à entidade (*inho<sub>2</sub>*) e frente à situação comunicativa e seus participantes (*inho<sub>3</sub>*):

<i>-inho<sub>2</sub></i>	vs.	<i>-inho<sub>3</sub></i>
avaliação / julgamento do falante frente à entidade: tamanho, valor, afetividade, desprezo		avaliação / julgamento do falante frente à situação comunicativa e ao ouvinte: ironia, polidez, mitigação e outros

Tabela 2

Subdivisão da expressão de ilocução (Alves 2006, p. 699).

Esta proposta será retomada na seção 3, pois servirá de fundamentação para a análise dos dados de diminutivos presentes no filme.

### 2.3. Alguns estudos sobre tradução dos diminutivos

Como acenado na Introdução, vários estudiosos têm se interessado pela tradução dos diminutivos em português quer como língua de partida quer

como de chegada em obras literárias, histórias em quadrinhos e legendagem de filmes, para citar alguns âmbitos.

Prade (1991) analisa e comenta as formas de diminutivo mais usadas em português (-inho e -zinho) a partir da obra *O tempo e o vento. O continente*, de Érico Veríssimo, e de suas traduções para o alemão e o inglês, com o objetivo de identificar as principais dificuldades que o tradutor pode enfrentar ao se deparar com “termos praticamente inexistentes nas línguas-alvo (LAs)” (p. 85).

Relata que a língua alemã tem unicamente dois sufixos diminutivos (-lein e -chen), com algumas variações regionais, mas que há uma preferência pela forma analítica para expressar o sentido de uma construção em português com sufixo diminutivo. Classifica os sufixos diminutivos levantados na obra em: sufixos com ideia de pequenez, com valor afetivo, com valor qualitativo, com valor pejorativo e com função intensificadora.

Conclui que em inglês se usa a forma analítica com *little*, por ausência de sufixos nessa língua, enquanto em alemão encontram-se as formas analítica e sintética. As formas que trazem a noção de pequenez são mais facilmente traduzidas do que as pertencentes às outras classificações, o que leva os tradutores a utilizarem formas alternativas para transmitir o significado veiculado pelo sufixo diminutivo em português, podendo algumas vezes interpretar erroneamente o sufixo com valor afetivo e traduzi-lo pelo correspondente que indica dimensão (*velhinha* > \**kleine alte Frau* / \**little old woman*), ou então simplesmente omiti-lo.

Sempre em âmbito literário, Turunen (2006), com o objetivo de compreender as complexidades dos valores semânticos e discursivos do sufixo -inho<sup>6</sup> e identificar as estratégias empregadas nas traduções desse complexo aspecto do português para o francês, analisa 213 formações diminutivas encontradas na obra de Jorge Amado, *Dona Flor e seus dois maridos*. Afirma que, embora o francês tenha tantos sufixos diminutivos quanto o português, existe uma diferença de produtividade das formas nas duas línguas: o francês tende a usar a forma analítica com *petit* (um adjetivo polivalente capaz de comunicar significados variados), com outros adjetivos ou com advérbios; o português, ao contrário, prefere a forma sintética sufixal.

Em seu trabalho estabelece dez categorias para os diferentes valores dos diminutivos encontrados na obra de Amado (de tamanho, afetivos, pejorativos, ironia, com base adverbial, totalidade, superlativos,

<sup>6</sup> Turunen (2006) não faz menção ao status de -zinho ou à indicação de seu uso; limita-se a colocá-lo entre parênteses após -inho. Em (2009, p. 22), porém, afirma que “se há distinção entre -inho e -zinho, esta estará no plano fonético-fonológico e/ou morfológico, e não no semântico-pragmático, no qual os elementos se equivalem”.

apreciativos, de atenuação e outros valores semânticos) e oito tipos de estratégias utilizadas na tradução da obra em francês para expressar esses valores (uso de sufixo diminutivo, *petit*+X, adjetivo+X, advérbio+X, outra palavra, outra construção, omissão e não classificados).

Da análise da obra original resulta que os três principais valores de diminutivos são: afetivos (69 ocorrências), de tamanho (32) e com base adverbial (30). Em relação às estratégias de tradução, a omissão é a estratégia mais frequente (33,8%), seguida pelo uso de *petit*+X (22,5%) e de adjetivo+X (10,8%) e advérbio+X (9,9%), confirmando a preferência do francês pelas formas analíticas. O uso de sufixo diminutivo corresponde a 2,3% das ocorrências, ocupando o último lugar na repartição das estratégias utilizadas. Nos casos de omissão, havia seja a omissão do sufixo diminutivo, mas a manutenção da base na tradução, seja a eliminação completa da palavra. A autora faz questão de ressaltar que a análise dos valores por ela identificados “é muitas vezes subjetiva e um outro pesquisador poderia interpretar os dados de uma maneira diferente” (p. 3010).

Basso e Petry (2013), por sua vez, abordam a tradução do diminutivo no par francês>português da história em quadrinhos *Les Aventures de Tintin: Tintin en Amérique* (>*As aventuras de Tintim: Tintim na América*).

Para analisarem as traduções das construções em francês por diminutivos em português, propõem uma organização semântico-pragmática dos diminutivos formados por *-inho* e *-zinho* em três categorias: (i) interpretação composicional do diminutivo, (ii) interpretação não-composicional do diminutivo e (iii) interpretação não-estritamente composicional do diminutivo (pp.19-20). A primeira expressa exclusivamente a ideia de diminuição de tamanho, o seu uso primitivo (representada como “base+sufixo\_diminutivo”, *lata+inha* = *latinha* (lata pequena), que corresponde à “versão menor da denotação base”); a segunda, um significado que não pode ser depreendido pelas partes que o compõem, pois se forma uma palavra nova (*camisinha* não é uma ‘camisa pequena’, mas ‘preservativo’), e a terceira que veicula “a ideia de expressividade, de valores como afetividade, apreciação, intensificação, ironia e pejoratividade” (p. 20).

Para o francês propõem outras três categorias que servirão de base para explicar as escolhas tradutórias dos diminutivos em português: a estrutura linguística, o contexto de enunciação e a imagem. Os autores identificam na obra 53 ocorrências de palavras no diminutivo, sendo que 8 delas aparecem repetidas duas, três, sete ou dez vezes, mas analisam 43 casos distintos.

Cabe aqui uma observação quanto ao quadro das ocorrências<sup>7</sup>. No quadro estão listadas 31 palavras com sufixo diminutivo, classificadas da seguinte maneira quanto à interpretação: 2 têm interpretação composicional; 5, não-estritamente composicional; e 24, não-composicional.<sup>8</sup> Porém, a classificação elaborada no quadro não espelha a repartição interna na qual se analisam os exemplos, fruto provavelmente de uma distração na transposição dos dados. Na realidade, são 25 ocorrências com interpretação não-estritamente composicional e 4 com interpretação não-composicional (*passarinho*, *patinho*, *machadinha* e *boquinha*). Mantêm-se as 2 palavras com interpretação composicional: uma gerada pela construção *petit+X* (*petite ville*>*cidadezinha*) e a outra pelo contexto de enunciação (*chien*>*cachorrinho*).

Segundo os autores, as principais estruturas linguísticas em francês que geram diminutivos em português na interpretação não-estritamente composicional são: *petit+X*, advérbio+*X*, adjetivo+*X*, podendo também aparecer substantivos, advérbios e expressões nominais ou verbais. Este trabalho corrobora os resultados da pesquisa de Turunen (2006).

Wang (2020) analisa a adequação das estratégias de tradução das palavras formadas pelo diminutivo *-inho* em português brasileiro na legendagem do filme *Central do Brasil* para o inglês, de um ponto de vista semântico-pragmático, chegando à conclusão de que alguns diminutivos não foram traduzidos adequadamente e de que outros foram traduzidos de maneira incompleta. Observa, porém, que, em se tratando de legendagem, a restrição imposta pela técnica (respeitar um certo número de caracteres por linha) e a possível intervenção de outros agentes na legenda, que não o tradutor, devem ser levadas em conta na análise.

Em seu estudo levanta 25 ocorrências de diminutivos em *-inho*, atribuindo-lhes a tripartição de Alves (2006) e um valor semântico ou pragmático a cada uma (cf. quadro na p. 238 da obra). Do total das ocorrências, 19 foram classificadas com valor pragmático - 8 ocorrências de *inho<sub>2</sub>* e 11 ocorrências de *inho<sub>3</sub>* - e 6 com valor semântico, *-inho<sub>1</sub>*. Aponta que as traduções mais eficazes foram as de *-inho<sub>1</sub>*, portanto as que envolviam o valor semântico, enquanto as de *-inho<sub>2</sub>* e *inho<sub>3</sub>* apresentaram mais inadequações, principalmente quando a prosódia estava envolvida.

Na próxima seção, retomaremos a proposta de Alves (2006) apresentada em 2.2 para a descrição e análise dos diminutivos no filme *Brichos - A floresta é nossa*.

<sup>7</sup> Cf. Basso e Petry (2013 pp. 22-23) Quadro 1.

<sup>8</sup> Não estamos computando aqui as repetições de palavras.

### 3. Levantamento e análise dos diminutivos em *Brichos*

*Brichos – A floresta é nossa* é um longa-metragem de animação brasileiro dirigido por Paulo Munhoz e realizado em 2012. Com duração de 1h23 minutos, o filme narra a história de um grupo de jovens animais amigos que tentam salvar a Vila dos Brichos e a sua floresta contra investidores/terroristas internacionais.

No filme foram levantadas 58 ocorrências de palavras formadas pelos sufixos diminutivos *-inho* e *-zinho*, nas falas das personagens, assim subdivididas: 18 ocorrências de diminutivos em nomes próprios (hipocorístico e apelido) com 9 repetições de *Dumontzinho* e 3 de *Duduzinho*, *Jairzinho* e *Pandinha*, além de 40 ocorrências em outras categorias lexicais, sendo que 18 são repetições das seguintes palavras: 3 ocorrências de *docinho* e *fofinha*, e 2 de *minutinho*, *miragenzinha*, *passarinho*, *pouquinho*, *presentinho* e *pluminha*, como se pode ver na Tabela 3.

Do ponto de vista estrutural, os diminutivos presentes em *Brichos* seguem o padrão de formação normalmente encontrado em português, isto é, o sufixo *-zinho/a* acrescentado a palavras atemáticas que terminam em nasal (*miragem*, *reunião*, *Dumont*), em vogal ou ditongo acentuados independentemente do número de sílabas (*Dudu*, *tchau*) ou de tema zero (*Jair*). Se a palavra é polissílaba, tende-se a adjungir *-zinho/a* à base, como podemos ver no filme (*musicazinha*), embora isso possa ser opcional (*musiquinha*) e revelar uma alternância em um mesmo contexto morfofonológico (Basílio 2006, p. 71, Armelin 2011, p. 232). Caso se verifique a alternância, normalmente uma forma é a mais usual. Para os demais casos, encontramos o acréscimo de *-inho/a*, ou no dizer de Rio-Torto (2020, p. 3115), *-inho* é um sufixo avaliativo que se acrescenta a radicais e *-zinho* é um sufixo z-avaliativo que se adjunge a palavras.

Nomes em que os sufixos de diminutivo perderam os traços semânticos como em *sozinhos*, dando à base um valor diferente, não foram computados.

Em relação à categoria lexical da base, no filme há sufixos diminutivos adjungidos a bases substantivas - N (*minutinho*), adjetivais - A (*fofinha*) e adverbiais - Adv (*juntinho*, *pouquinho*), além de interjeições - Interj ou fórmulas fixas de valor interpessoal - FF (*tchauzinho*, *brigadinho*, *licencinha*). Também encontramos formas diminutivas em construções com verbos suporte como em ‘não é hora de fazer uma *boquinha*’ e ‘Bom, não é correto, pode ser perigoso... mas uma *espiadinha*’, na qual o verbo ‘dar’ foi omitido.

A Tabela 3 apresenta as ocorrências dos diminutivos, por ordem de aparição no filme, e a sua tríplice classificação segundo a proposta de

Alves (2006), com exceção dos nomes próprios e apelidos.

	<b>Diminutivo</b>	<b>Base - classe gramatical</b>	<b>Sufixo</b>	<b>Valor</b>
1	<i>Demoradinha</i>	Demorada – A	-inho <sub>2</sub>	Pragmático
2	<i>Amiguinho</i>	Amigo – N	-inho <sub>2</sub>	Pragmático
3	<i>Boquinha</i>	Boca – N	-inho <sub>[1]</sub>	Semântico
4	<i>Calabresinha</i>	Calabresa – N	-inho <sub>1</sub>	Semântico
5	<i>Tchauzinho</i>	Tchau – Interj/FF	-zinho <sub>3</sub>	Pragmático
6	<i>Amiguinhos</i>	Amigos – N	-inho <sub>[1]2</sub>	[Semântico]Pragmático
7	<i>Minutinho</i>	Minuto – N	-inho <sub>3</sub>	Pragmático
8	<i>Docinho</i>	Doce – N	-inho <sub>[1]</sub>	Semântico
9	<i>Docinho</i>	Doce – N	-inho <sub>[1]</sub>	Semântico
10	<i>Docinho<sub>3</sub></i>	Doce – A	-inho <sub>3</sub>	Pragmático
11	<i>Rapazinho</i>	Rapaz – N	-inho <sub>2</sub>	Pragmático
12	<i>Miragenzinha</i>	Miragem – N	-zinho <sub>1</sub>	Semântico
13	<i>Miragenzinha</i>	Miragem – N	-zinho <sub>1</sub>	Semântico
14	<i>Fofinha</i>	Fofa – A	-inho <sub>2</sub>	Pragmático
15	<i>Fofinha</i>	Fofa – A	-inho <sub>2</sub>	Pragmático
16	<i>Musicazinha</i>	Música – N	-inho <sub>2</sub>	Pragmático
17	<i>Passarinho</i>	Pássaro – N	-inho <sub>[1]3</sub>	[semântico]Pragmático
18	<i>Espiadinha</i>	[Espiação] – N	-inho <sub>1</sub>	Semântico
19	<i>Passarinho</i>	Pássaro – N	-inho <sub>[1]3</sub>	[semântico]Pragmático
20	<i>Coitadinho</i>	Coitado – N	-inho <sub>3</sub>	Pragmático
21	<i>Fumacinha</i>	Fumaça – N	-inho <sub>1/2/3</sub>	[Semântico]Pragmático
22	<i>Bichinho</i>	Bicho – N	-inho <sub>2</sub>	Pragmático
23	<i>Minutinho</i>	Minuto – N	-inho <sub>3</sub>	Pragmático
24	<i>Licencinha</i>	Licença – FF	-inho <sub>3</sub>	Pragmático
25	<i>Pouquinho</i>	Pouco – Adv	-inho <sub>1</sub>	Semântico
26	<i>Aparelhinho</i>	Aparelho – N	-inho <sub>1</sub>	Semântico
27	<i>Amassadinha</i>	Amassada – A	-inho <sub>2</sub>	Pragmático
28	<i>Reuniãozinha</i>	Reunião – N	-zinho <sub>1</sub>	Semântico
29	<i>Pequeninhazinha</i>	Pequeninha – A	-inho <sub>1</sub> /-zinho <sub>1</sub>	Semântico
30	<i>Presentinho</i>	Presente – N	-inho <sub>2</sub>	Pragmático
31	<i>Presentinho</i>	Presente – N	-inho <sub>2</sub>	Pragmático
32	<i>Pouquinho</i>	Pouco - Adv	-inho <sub>1</sub>	Semântico
33	<i>Fofinha</i>	Fofa – A	-inho <sub>2</sub>	Pragmático
34	<i>Pluminha</i>	Pluma - N	-inho <sub>2</sub>	Pragmático
35	<i>Pluminha</i>	Pluma - N	-inho <sub>3</sub>	Pragmático
36	<i>Juntinho</i>	Junto - Adv	-inho <sub>2</sub>	Pragmático
37	<i>Quartinho</i>	Quarto - N	-inho <sub>[1]2</sub>	[semântico]Pragmático
38	<i>Brigadinho</i>	(O)brigado - FF	-inho <sub>3</sub>	Pragmático
39	<i>Bonitinha</i>	Bonita - A	-inho <sub>2</sub>	Pragmático
40	<i>Pequeninha</i>	Pequenina - A	-inho <sub>[1]2</sub>	[semântico] Pragmático

Tabela 3  
Quadro das ocorrências do diminutivo.

Como se pode observar na Tabela 3, há somente 6 ocorrências da formação *X-zinho*: *tchauzinho*, *musicazinha*, *miragenzinha* (2 vezes), *reuniãozinha* e *pequeninhazinha*. Entretanto, a maior concentração de ocorrências desse sufixo (15) está nos nomes (e apelido) dos personagens: *Dumontzinho* (9), *Duduzinho* (3) e *Jairzinho* (3), não só devido às suas características estruturais (são oxítonas) mas pela produtividade de suas repetições no filme principalmente como vocativo.

- (1) Tales: Fala aí, *Dumontzinho*!  
 Pandinha: Brigadinho, *Duduzinho*  
 Tales: Caramba, *Jairzinho*! Esse é dos grandes!

Das 40 ocorrências de diminutivos, 12 são de *inho<sub>1</sub>*, 14 de *inho<sub>2</sub>* e 8 de *inho<sub>3</sub>*. As outras 6 restantes foram classificadas como compartilhando traços: todas têm um *inho<sub>1</sub>* perceptível em sua semântica, mas apresentam características predominantes de *inho<sub>2</sub>* ou *inho<sub>3</sub>*, daí a seguinte representação na tabela: *inho<sub>[1]/2</sub>* ou *inho<sub>[1]/3</sub>* para o sufixo e [semântico] Pragmático para o valor.

Nas próximas subseções (3.1, 3.2 e 3.3), veremos a aplicação da tripartição do diminutivo *-inho* proposta por Alves (2006) e na subseção 3.4, alguns casos de modificação na interpretação do diminutivo num mesmo contexto. Por uma questão de espaço, serão apresentados somente alguns exemplos por cada tipo.

### 3.1. Expressão representacional e diminutivo de tipo *-inho<sub>1</sub>*

Como visto na proposta de Alves (2006) em 2.2., o sufixo classificado como *-inho<sub>1</sub>*, por ter valor semântico de operador de intensificação, representa e mantém propriedades inerentes a objetos e qualidades como “tamanho/quantidade/intensidade reduzidas”, e, por apresentar restrição categorial, aplica-se somente a nomes e adjetivos.

Um exemplo prototípico desse uso é *aparelhinho* em (2), cujo sufixo diminutivo faz referência à dimensão pequena do objeto, isto é, um ‘aparelho pequeno’.

- (2) Jaguar: Uhm, *aparelhinho* interessante esse aí. Parece uma filmadora.

No diálogo entre Manoel e Leticia (3), há duas ocorrências de diminutivos: *boquinha* e *calabresinha*.

- (3) Manoel: Ah, aí está você, querida. Oi, meninos, tudo bem? Amor, ainda temos 8km de exercício, não é hora de fazer uma *boquinha*.  
 Leticia: Ohh, achei que fosse um *calabresinha*



Figura 1  
Calabresinha.

O substantivo *boquinha* está inserido em uma unidade multilexical (Nascimento 2013, p. 215-16) com leitura não composicional, isto é, ‘fazer uma boquinha’ significa ‘fazer uma refeição pequena, comer só um pouquinho’ e não ‘fazer/desenhar uma boca pequena’.

Nascimento (2013 pp. 238-241), ao discorrer sobre as propriedades semânticas das unidades multilexicais, as classifica como transparentes, opacas e semitransparentes. As transparentes têm um significado literal e composicional, e portanto decodificável; as opacas são aquelas não decodificáveis pelos falantes a partir de seus elementos constitutivos; as semitransparentes “são aquelas em que alguns elementos mantêm o seu significado literal, enquanto outros adquirem sentidos figurados, essencialmente por processos metafóricos ou metonímicos” (p. 239).

Embora o sentido da expressão não seja obtido a partir dos seus elementos constitutivos, neste caso, poderíamos falar em idiomaticidade ancorada em processo metonímico uma vez que ‘boquinha’ poderia ser interpretada numa relação semântica instituída entre o tamanho da boca e o quanto cabe nela – uma relação continente-conteúdo –, ou seja, em uma boca pequena cabe pouca comida, resultando numa interpretação semitransparente ou, no dizer de Ribeiro e Rio-Torto (2016: 514), uma ‘unidade de idiomaticidade intermédia’, isto é, uma unidade que no *continuum* [+composicional / + idiomático] conserva alguns traços semânticos mais facilmente decodificáveis por um falante de língua materna. Daí considerarmos *boquinha*, mesmo numa expressão idiomática, um diminutivo de tipo *inho*<sub>1</sub>, porque semanticamente semitransparente, à diferença de Basso e Petry (2013, p. 24) que a classificam como de ‘interpretação não-composicional do diminutivo’.

Linguiça calabresa ou simplesmente ‘calabresa’ é um tipo de linguiça brasileira com sabor picante. A personagem, com sotaque alemão, ao ser ‘repreendida’ pelo marido por estar comendo no momento dos exercícios - eles são um casal de hipopótamos -, para se desculpar, diz ter confundido uma minhoca (Figura 1) com *um calabresinha*, isto é, com um pequeno pedaço de calabresa.

Um outro exemplo interessante de *inho*<sub>1</sub>, encontra-se em (4).

(4) Ratão: Relaxa, é só uma *reuniãozinha*, *pequeninha/zinha*. Sexta-feira todo mundo vai pra praia, não vai ter ninguém lá. A floresta hehe é sua.



Figura 2.  
Reuniãozinha.

Figura 3.  
Pequeninha.

Figura 4.  
Zinha.

Em (4), para indicar que a reunião será muito breve (redução da duração), há, ao mesmo tempo, a formação analítica ‘reunião pequena’ e a formação sintética com os morfemas diminutivos acrescentados seja à *reunião* seja à *pequena*. Essas palavras são também acompanhadas pela gestualidade da personagem: na figura 2 o gesto indica *reuniãozinha*, na 3, *pequeninha* e na 4, o morfema *-zinha*.

Como apontado por Armelin (2011, p. 232), em PB é possível adjungir à palavra duas marcas de diminutivo ao mesmo tempo, mas a ordem *-inho/-zinho* tem de ser respeitada para não incorrer em agramaticalidade. No caso de *pequeninhazinha* chegamos a ter, excepcionalmente, três morfemas: *-ina/-inha/-zinha*.

Segundo Maroneze *et al.* (2015, p. 84), podemos encontrar o sufixo *-inho* “na indicação de coisas ligeiras, rápidas e sem grande profundidade”, como por exemplo em “*comprinha, voltinha, conversinha, papinho*”. Normalmente esses substantivos encontram-se em construções com verbos suporte como *fazer, dar, ter, bater* entre outros. No exemplo (5), o substantivo *espiada*, derivado do verbo *espiar* [ $X_v$ -da], tem a noção de rapidez inerente [ $X_v$ rapidamente] como se pode verificar na definição do dicionário Aulete: “Ação ou resultado de espiar, de olhar rápida e furtivamente; ESPIADELA; OLHADELA”.

(5) Dumontzinho: Bom, não é correto, pode ser perigoso...mas uma *espiadinha*.

Neste caso não aparece com o verbo suporte típico da construção [DAR uma  $X_v$ -da]. O morfema *-inho<sub>2</sub>* intensifica a brevidade do ato, realçando a menor duração do mesmo.

### 3.2. Expressão de ilocução e diminutivo de tipo *-inho<sub>2</sub>*

Na fala a seguir, temos um bom exemplo de valor pragmático atribuído. Pandinha, ao falar com Dumontzinho, não se refere ao tamanho do novo amigo (valor semântico, *-inho<sub>1</sub>*), mas simplesmente demonstra a sua afetividade (*-inho<sub>2</sub>*).

(6) Pandinha: Acabei de chegar, você é o meu plimeiro *amiguinho*.

Diferente é o caso do *amiguinhos* utilizado por Madame Isis, que no filme

é uma arraia idosa.

(7) Isis: Que bons ventos os trazem, meus *amiguinhos*?

A personagem dirige-se aos seus interlocutores que são pequenos, isto é, muito mais jovens do que ela, portanto usa um diminutivo que pode ter valor semântico, - amigos pequenos - (*-inho<sub>1</sub>*), mas ao mesmo tempo de maneira prevalentemente afetiva, um valor pragmático atribuído (*inho<sub>2</sub>*).

Lembrando que a atribuição de valor pragmático não tem restrição categorial, nos exemplos a seguir, temos dois adjetivos derivados de verbo e modificados pelo diminutivo: *amassadinha*<amassar e *demoradinha*<demorar.

Em *amassadinha*, como o verbo 'amassar' permite uma interpretação escalar, isto é, denota uma atividade passível de variação quantitativa em grau, o adjetivo 'amassada' tem essa propriedade intensificada pelo diminutivo e pelo advérbio quantificacional 'bem'.

(8) Drumont: Pelo jeito ela grava, fotografa e transmite.

Rubinson: É, mas tá bem *amassadinha*. Acho que não vai ligar não.

O adjetivo *demorado* tem em sua base a ideia de algo que tarda a acontecer ou que leva muito tempo para ser feito, e o diminutivo intensifica essa propriedade e não a reduz.

(9) Bandeira: Brichos.

Bandeira: *Demoradinha* essa câmera aí, né, pai ?

Olavo: Ohh [mão na cabeça], eu esqueci de ligar o automático. [risos]



Figura 5  
Brichos.



Figura 6  
Demoradinha.

Na Figura 5, pai e filho estão olhando na direção da máquina fotográfica enquanto dizem 'Brichos'. Na Figura 6, Bandeira, sem mudar a posição do corpo, inclina um pouquinho a cabeça para o lado e move a 'boca' e os olhos na direção do pai ao dizer *demoradinha*, recebendo de volta o olhar cúmplice do pai, sem que este também mude de posição. Portanto, além da entonação temos a influência das expressões faciais.

Nos exemplos abaixo, o substantivo *presentinho* não tem valor semântico, pois não se trata necessariamente de um presente pequeno.

(10) Ratão: Deixa comigo. Tão vaiando, né? Tão vaiando. Que falta de consideração! Logo hoje que eu trouxe um *presentinho* pra cada um de vocês.

(11) Ratão: Amigos! Se nossa assembleia for um sucesso, ou seja, eh, se fizermos um bom negócio, todos vão receber a segunda parte do seu *presentinho*.

As duas ocorrências de *presentinho* são acompanhadas por entonação e gestualidade diferentes como a marcar também uma diferença de ilocução. Na Figura 7, Ratão, ao fazer uma asserção, tamborila os dedos à sua esquerda, tem os olhos um pouco fechados e a cabeça voltada para a sua direita. Na figura 8, ao fazer uma promessa, fecha as mãos, as aproxima do rosto, abre um pouco os olhos e tem a cabeça voltada para a sua esquerda.



Figura 7  
Presentinho.

Figura 8  
Presentinho.

No próximo exemplo (12), temos uma dupla interpretação do *-inho*: operador de intensificação de tamanho reduzido, ‘quarto pequeno’, *-inho<sub>1</sub>*, mas ao mesmo tempo um operador com valor pragmático: a entidade à qual Abdul se refere é na realidade uma pequena cela e não um quarto, *-inho<sub>2</sub>*,

(12) Abdul: *Quartinho* meia boca, hein. Amigos de Abdul-Aziz merecem algo muito melhor.

O valor pragmático em *-inho<sub>2</sub>* é reforçado seja pelo modificador ‘meia boca’, que atribui um valor negativo à entidade ‘quarto’, seja pela frase seguinte ‘Amigos de Abdul-Aziz merecem algo muito melhor’.

Este é também um exemplo em que poderíamos considerar o diminutivo num *continuum* entre a noção semântica - quarto pequeno -, e a noção pragmática - atribuição de um valor negativo por ser pequeno.

Já em (13), ‘bichinho’ refere-se ao urso, que não é um animal de pequeno porte, portanto, o sufixo não tem valor dimensional. O valor pragmático veiculado pelo diminutivo é de avaliação pejorativa da entidade urso, reforçado pelo adjetivo *mal* que funciona como predicador.

(13) Pandinha: Uh, Deixa comigo. Eles vão conhecer a fúria de Shaolin! [o urso grita e ela fica com medo] Esse bichinho é muito mal. [se esconde atrás de Dumontzinho]



Figura 9  
Bichinho.

### 3.3. Expressão de ilocução e diminutivos de tipo *-inho*<sub>3</sub>

Como já mencionado em 2.2., o diminutivo classificado como *-inho*<sub>3</sub> vai expressar avaliação/julgamento em relação à situação comunicativa e ao ouvinte.

Alves (2006) define as fórmulas de saudação e de cortesia como 'fórmulas fixas de valor interpessoal' próprias da interação discursiva. Sendo assim, estas têm o seu valor semântico reduzido, mas o aspecto pragmático valorizado com o sufixo *-inho*<sub>3</sub> como podemos ver abaixo.

(14) Leticia: *Tchau-zi-nho*.

(15) Bandeira: [pigarreia] *Licencinha*, alguém está precisando de um nerd por aqui?

(16) Pandinha: *Brigadinho*, Duduzinho.

Em (14), *tchauzinho* é pronunciado com entonação pausada sílaba a sílaba e acompanhado pelo movimento repetido dos dedos, como na Figura 10.



Figura 10  
Tchauzinho

O mesmo vale para *licencinha* em (15) e *Brigadinho* em (16), que terão entonações específicas.

No que tange às formas de polidez - proteção da própria face e a do interlocutor (Brown e Levinson 1986) -, *minutinho* é usado como um mitigador de redução de um tempo que já é mínimo e não pode ser objetivamente reduzido - um minuto são 60 segundos -, para justificar a própria ausência em (17) e um pedido de atenção em (18).

(17) Isis: Fiquem aqui um *minutinho* que eu vou dar uma refrescada e já volto.

(18) Dumontzinho: Olha só, pessoal, [?] só um *minutinho*, [?] não levem a mal, né? Sabem como é, nós somos crianças e crianças são curiosas e...

No exemplo (19), embora o traço marcante seja a ironia, podemos dizer que *fumacinha* compartilha traços dos diminutivos de tipo *-inho<sub>1</sub>*, *-inho<sub>2</sub>* e *-inho<sub>3</sub>*. Como *-inho<sub>1</sub>*, a entidade ‘fumaça’ tem a sua quantidade reduzida - pouca fumaça; como *-inho<sub>2</sub>*, recebe a avaliação subjetiva do falante sobre o mal que a pouca fumaça pode causar, mas com a ironia que caracteriza o *-inho<sub>3</sub>*.

(19) Al Corcova: E vai estar. aguardo a sua visita para o lançamento, se o calor do sol e a *fumaça dos foguetes* não o incomodarem.

Birdestroy: Tsc, aahh, ora, ora, uma *fumacinha* não faz mal pra ninguém.



Figura 11.  
Fumacinha.

Percebe-se a ironia não só pela entonação de Birdestroy mas também pelo fato de a personagem jogar com o sentido das unidades multilexicais (Nascimento 2013), ou ‘compostos’ sintagmáticos (Ribeiro e Rio-Torto 2016, p. 488), ‘fumaça do foguete’ e ‘fumaça do charuto’, nas quais o núcleo ‘fumaça’ estabelece uma relação semântica de origem com os seus modificadores preposicionais ‘do foguete’ e ‘do charuto’. A ironia está justamente em associar a *fumacinha* à fumaça do charuto, unidade multilexical não verbalizada mas inferida da imagem de fumaça que sai do charuto que a personagem está fumando naquele momento e que lhe causa tosse.

Com este exemplo, podemos ver a complexidade que envolve a análise de um diminutivo e de como o co(n)texto e os elementos paralinguísticos são importantes para a sua compreensão.

### 3.4. Repetições de palavras com mudança na classificação do sufixo *-inho*

Em duas cenas do filme *Brichos*, encontramos uma mudança de classificação do diminutivo de uma mesma palavra: a) quando Maya oferece um docinho a Jairzinho e a Tales e b) quando Dumontzinho decide carregar Pandinha no bico para entrar numa fábrica.

Na cena a), Jairzinho retomará o mesmo sentido de *docinho* de Maya, isto é, uma entidade que mantém a propriedade de pequenez, enquanto Tales usará a palavra com outro sentido.

(20) Maya: Aceita um *docinho<sub>1</sub>*?

Jairzinho: *Docinho<sub>1</sub>*?

Tales: Que *docinho*!



Figura 12  
Docinho<sub>1</sub>.



Figura 13  
Docinho<sub>1</sub>.



Figura 14  
Docinho<sub>3</sub>.

No diálogo acima, a palavra *docinho* denota um tipo específico de produto culinário doce, de tamanho pequeno (Figura 12), normalmente servido em festas, cuja contraparte salgada é o 'salgadinho' (Basílio 2006, p. 70).

Na sequência do diálogo, a personagem Jairzinho, ao pronunciar *docinho*<sub>1</sub>, tamborila os dados e põe a língua para fora como se estivesse já saboreando a iguaria (Figura 13). Tales, por sua vez, utiliza uma fórmula fixa exclamativa *que + docinho* que joga com a polissemia da palavra: *Que docinho!* poderia se referir tanto ao *docinho*<sub>1</sub> oferecido por Maya quanto à própria Maya numa leitura figurada. A ambiguidade é desfeita com o auxílio de elementos paralinguísticos: uma entonação pausada, a projeção do corpo para frente e os olhos apaixonados em forma de coração, como se pode ver na Figura 14. Portanto, Maya é o alvo da exclamação e o *-inho* é de tipo 3.

Também na cena em que Dumontzinho e Pandinha precisam encontrar uma solução para entrar no avião, o uso do diminutivo em *pluminha* recebe uma classificação diferente e é acompanhado por elementos linguísticos e paralinguísticos que vão corroborar essa diferença.

(21) Dumontzinho: É... Quantos quilos você pesa?

Pandinha: Ah, bem pouquinho. Eu sou fofinha por fora, mas uma *PLUminha*<sub>2</sub> por dentro. Por quê?

Dumontzinho: Aiii, *pluminha*<sub>3</sub>...[irônico]



Figura 15  
PLUminha<sub>2</sub>.



Figura 16  
Pluminha<sub>3</sub>.

Na fala acima, *pluminha*, que tem na pronúncia uma marcação acentuada da primeira sílaba, *PLU*, e o gesto que indica algo que flutua (Figura 15), portanto muito leve, é um diminutivo do tipo *-inho*<sub>2</sub>, uma vez que a personagem atribui a si propriedades que não lhe são inerentes, numa leitura afetuosa e de atenuação. Já o *pluminha* pronunciado por Dumontzinho é acompanhado de entonação que indica ironia em relação à

situação, - a cena mostra a sua dificuldade em carregar o panda -, e ao interlocutor que se autoidentificou como ‘leve’ sem o ser, portanto um diminutivo de tipo *-inho<sub>3</sub>* que atribui uma avaliação à situação comunicativa e ao ouvinte.

Ainda em relação à *pluminha*, na expressão idiomática de origem metafórica ‘ser uma pluma’, o substantivo *pluma* tem como uma de suas propriedades inerentes a ideia de leveza, então ‘ser uma pluma’, significando ‘ser leve’, mantém um certo grau de motivação semântica. A personagem Pandinha ao dizer que é uma ‘pluminha’ não só faz emergir a propriedade de leveza, atributo inerente ao substantivo *pluma*, como também a intensifica com o diminutivo. Há, porém, uma incongruência: *pluma* é algo ‘leve’ e um panda não está entre os animais que poderiam ter essa propriedade inerente devido às suas formas arredondadas. Daí a ironia que caracteriza a fala de Dumontzinho em relação à situação e as diferentes classificações de *-inho* de acordo com a avaliação de cada personagem.

#### 4. Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo analisar os diminutivos e o seu uso no filme de animação *Brichos, a floresta é nossa* à luz da proposta de Alves (2006) que classifica o morfema diminutivo *-inho* de três modos diferentes: *-inho<sub>1</sub>*, *-inho<sub>2</sub>* e *-inho<sub>3</sub>*. O primeiro, ligado à expressão da dimensão, com valor semântico e restrição categorial, só pode ser aplicado a nomes e adjetivos com propriedades inerentes na base de tamanho, quantidade, intensidade que podem ser reduzidas. O segundo e o terceiro refletem um uso funcional, pragmático, e se diferenciam quanto ao objeto da avaliação ou julgamento do falante: *inho<sub>2</sub>*, a entidade (com atribuição de tamanho, valor, afetividade, desprezo), *inho<sub>3</sub>*, a situação comunicativa e o ouvinte (com expressão de ironia, polidez, mitigação).

No levantamento e análise dos diminutivos em *Brichos*, pôde-se verificar, sim, uma menor ocorrência do diminutivo de tipo *inho<sub>1</sub>*, mas apreendemos que é preciso considerar o diminutivo num *continuum* entre a noção semântica e a noção pragmática, principalmente quando da coocorrência desses valores numa mesma palavra, como nos exemplos de *quartinho meia boca*, *meus amiguinhos* ou ainda *fumacinha*, só para citar alguns. Nem sempre é fácil ou possível separar as sobreposições e o que se deve à semântica, à entonação ou a outros elementos.

Também verificamos o respeito à ordem dos constituintes, quando duas marcas de diminutivo estão na mesma palavra, para não incorrer em uma formação agramatical (Armelin 2011) como em *pequeninhazinha*.

Estudos no âmbito da tradução (Prade 1991, Turunen 2006, Basso e

Petry 2013, Wang 2020) vêm corroborando que o uso do sufixo diminutivo com valor semântico, isto é, de avaliação objetiva de tamanho, qualidade e intensidade reduzidos, é menor do que o seu uso com valor pragmático-funcional em que a subjetividade do falante está envolvida, mas é o mais fácil de ser interpretado e traduzido.

Portanto, em relação ao ensino de PLE e de tradução, aprendizes estrangeiros e tradutores de outras línguas terão de desenvolver uma excelente capacidade pragmática para lidar com as diferentes pistas contextuais/enunciativas nas interpretações do diminutivo, uma vez que os exemplos demonstram que a língua faz muito mais uso de formativos que vão além da expressão do valor semântico inerente de uma palavra.

Ao ensinarmos a formação do diminutivo em português, é importante preparar o aprendiz para além das noções semânticas que indicam “tamanho/quantidade/intensidade reduzidas” como propriedades inerentes a objetos e qualidades, e focalizar mais nas que vão traduzir a subjetividade do falante em relação não só a objetos mas também à situação comunicativa e ao falante.

E, seguindo o que afirmam Freitag, Cardoso e Pinheiro (2020, p. 44): “A compreensão das intenções comunicativas depende de um repertório diversificado que vai além das prescrições da gramática normativa, [...]”, portanto, precisamos dotar o ‘aprendiz de PLE’ de uma competência lexical e capacidade de atenção suplementar para a decodificação (Ribeiro e Rio-Torto 2016, pp. 516-517) que privilegie não só os aspectos semânticos mas também pragmáticos das palavras em contexto comunicacional.

**Nota biográfica:** Carla Valeria de Souza Faria é doutora em Linguística pela UFRJ e pesquisadora de Lingua e Traduzione - Lingue Portoghese e Brasiliana na Università degli Studi di Trieste. Os seus principais interesses de pesquisa concentram-se no ensino de português como língua estrangeira; nos aspectos contrastivos da tradução italiano-português e da tradução audiovisual de filmes de animação para crianças para o português brasileiro e o português europeu; na análise do discurso político e na teoria da tradução para as línguas de sinais. É coautora do Corso di brasiliano 1 e 2, manual de ensino do português brasileiro, publicado pela Hoepli, dedicado a estudantes itálofonos.

**e-mail:** [carlavaleria.desouzafaria@units.it](mailto:carlavaleria.desouzafaria@units.it)

## Referências bibliográficas

- Alves E. 2006, *O diminutivo no português do Brasil: funcionalidade e tipologia*, in “Estudos Linguísticos” XXXV, pp. 694-701. <http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/885.pdf?/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/885.pdf> (29.04.2023).
- Armelin P.R.G. 2011, *Sobre a interação entre as marcas de diminutivo e aumentativo no português brasileiro*, in “ReVEL”, edição especial n. 5, pp. 228-252. [http://revel.inf.br/files/artigos/revel\\_esp\\_5\\_sobre\\_a\\_interacao\\_entre\\_as\\_marcas\\_de\\_diminutivo.pdf](http://revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_5_sobre_a_interacao_entre_as_marcas_de_diminutivo.pdf) (29.04.2023).
- Basílio M. 2006, *Formação e classes de palavras no português do Brasil*, 2ª ed., Contexto, São Paulo.
- Basso R.M., Petry M.B. 2013, *Uma análise dos diminutivos na tradução da história em quadrinhos Tintin em Amériqúe para o português brasileiro*, in “Revista do Gel”, São Paulo, v. 10, n. 2, pp. 8-14. <https://revistadogel.emnuvens.com.br/rg/article/view/7/168> (29.04.2023).
- Bisol L. 2010, *O diminutivo e suas demandas*, in “D.E.L.T.A.”, 26:1, pp. 59-85. <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/19967/14863> (29.04.2023).
- Bisol L. 2011, *O diminutivo e suas demandas, uma versão revisitada*, in “ReVEL”, edição especial n. 5, pp. 80-98. [http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel\\_esp\\_5\\_o\\_diminutivo\\_e\\_suas\\_demandas.pdf](http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_5_o_diminutivo_e_suas_demandas.pdf) (29.04.2023).
- Brown P. and Levinson S.C. 1987, *Politeness. Some universals in language usage*, Cambridge University Press, Cambridge.
- De Belder M.M., Faust N., Lampitelli N. 2009, *On a derivational and inflectional diminutive*. North East Linguistic Society 40 (NELS 40), Cambridge, Massachusetts (MIT), November 13-15.
- Freitag R.M.K., Cardoso P.B., Pinheiro B.F.M. 2020, *Acho que é uma gripezinha: construções linguísticas como pistas de atitudes em tempos de pandemia*, in “Linguasagem”, São Carlos, v. 35, Número temático COVID-19, setembro, pp. 31-49. <https://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/764/447> (29.04.2023).
- Freitas M.A. de, Barbosa M.F.M. 2013, *A alternância do diminutivo –inho/-zinho no português brasileiro: um enfoque variacionista*, in “Alfa”, São Paulo, 57 (2), pp. 577-605. <https://www.scielo.br/j/alfa/a/3BDPK94cKyqh79zqNmHk8Fp/?lang=pt> (29.04.2023).
- Maroneze B., Cardoso E. de A., Pissolato L. 2015, *Derivação sufixal* in Rodrigues A., Alves I.M. (Orgs.) *A construção morfológica da palavra. Gramática do português culto falado no Brasil*, vol. VI, Contexto, São Paulo, pp. 57-109.
- Munhoz P. 2012, *Brichos a floresta é nossa*, in You Tube, Brichos Tecnokena. <https://youtu.be/wmqsmSJWHe0> (29.04.2023).
- Nascimento M.F.B.do. 2013, *Processos de lexicalização*, in Raposo E.B.P. et al. *Gramática do Português*, Gulbenkian, Lisboa, pp. 215-246.
- Pereira C.G.C. 2020, *Análise do sufixo avaliativo diminutivo no português brasileiro a partir de corpus eletrônico*, in “Enlaces”, Salvador, v. 1, n. 1, dez.2020, pp. 32-59.
- Prade H.G. 1991, *Análise contrastiva: a derivação sufixal na língua portuguesa e sua*

- tradução para o inglês e o alemão*, in "Letras", (2), pp. 84-95. <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11415/6890> (29.04.2023).
- Ribeiro S., Rio-Torto G. 2016, *Capítulo 8. Composição*, in Rio-Torto G. et al. 2016, *Gramática derivacional do português*, 2º ed., Imprensa da Universidade de Coimbra, [1º ed. 2013].
- Rio-Torto G. et al. 2016, *Gramática derivacional do português*, 2º ed., Imprensa da Universidade de Coimbra, [1º ed. 2013].
- Rio-Torto G. 2020, *Derivação*, in Raposo E.B.P. et al. *Gramática do Português*, Gulbenkian, Lisboa, pp. 3029-3154.
- Turunen, V.J. 2006, *Diminutivo em português e em francês: um pouquinho é un petit peu*, in Magalhães J.S. de; Travaglia L.C. (Org), *Múltiplas Perspectivas em Linguística*, Edufu, Uberlândia, pp. 3008-3016.
- Turunen V.J. 2009, *A reversão da relevância: aspectos semânticos e pragmáticos de formações diminutivas no português do Brasil*, Tese (Doutorado em Linguística), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Villalva A. 2009, *Sobre a formação dos chamados diminutivos no português europeu*, 25º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística Volume: Actas do 25º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística. in Academia. [https://www.academia.edu/3137436/Sobre\\_a\\_forma%C3%A7%C3%A3o\\_dos\\_chamados\\_diminutivos\\_no\\_Portugu%C3%AAs\\_Europeu](https://www.academia.edu/3137436/Sobre_a_forma%C3%A7%C3%A3o_dos_chamados_diminutivos_no_Portugu%C3%AAs_Europeu) (29.04.2023).
- Wang C. 2020, *Uma análise semântica e pragmática dos diminutivos na legendagem do filme Central do Brasil para o inglês*, in "Belas Infieis", Brasília, v. 9, n. 4, jul./set., pp. 229-247. DOI: 10.26512/belasinfeis.v9.n4.2020.26465 <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfeis/article/view/26465> (29.04.2023).
- Wiltschko M., Steriopolo O. 2007, *Parameters of variation in the syntax of diminutives*, in Radisic M. (ed.) Proceedings of the 2007 Canadian Linguistics Association Annual Conference.